

Sociólogo esclarece que estudantes têm “distanciamento crítico” em relação à praxe

Resultados de
inquérito em curso
na Universidade de
Coimbra são hoje
apresentados

GRAÇA BARBOSA RIBEIRO

O sociólogo Elísio Estanque abriu ontem um colóquio sobre o dilemas e perspectivas do movimento estudantil afirmando que “não é verdade” que do inquérito realizado a 2809 alunos da Universidade de Coimbra (UC) se possa concluir que um terço dos jovens aceite a praxe violenta, como ontem foi noticiado pelo *Jornal de Notícias*.

“O que se pode concluir é, até, que existe algum distanciamento crítico dos estudantes em relação a praxe académica”, rectificou o professor, que está a coordenar o estudo promovido pelo Centro de Estudos Sociais da UC sobre culturas juvenis e participação cívica.

Apesar de a apresentação parcial do trabalho – ainda incompleto – só estar prevista para hoje, Elísio Estanque fez o esclarecimento antes

da cerimónia de abertura do colóquio, que hoje termina em Coimbra. Isto, justificou, “devido ao impacto que a notícia” poderia ter.

Segundo explicou, os inquiridos foram convidados a escolher, de entre oito afirmações sobre a praxe académica, uma a três fra-

ses que lhes mereciam maior grau de concordância. Entre elas estava a seguinte afirmação: “[A praxe académica] deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica”, “Sessenta e oito por cento dos alunos assinalaram esta frase como uma das que lhes merecem maior concordância. Mas isso não significa que os restantes estudantes, os que não a assinalaram, discordem. Nunca foi perguntado se discordavam, ao contrário do que se poderia inferir deste quadro”, insistiu, mostrando o gráfico onde acabara de riscar, a esferográfica, a coluna que indicava que 32 por cento dos estudantes teriam assinalado a afirmação com um “não”.

Tratou-se, segundo admitiu, de um erro no quadro

provisório de resultados que foi entregue ao jornalista que fez a notícia. “Esta coluna que se refere ao ‘não’ está relacionada com o processo de codificação de respostas nesta fase do trabalho”, justificou, ressaltando que o inquérito ainda está em curso (o objectivo é inquirir três mil estudantes) e os resultados não foram analisados de forma global.

Maioria prefere práticas facultativas

Das oito afirmações que constavam do inquérito – das quais os estudantes podiam escolher uma a três – as que foram assinaladas por maior número de alunos como merecendo a sua concordância foram: “A praxe académica deve ser facultativa e respeitar quem não quiser aderir” (escolhida por 72 por cento dos alunos); “deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica” (68 por cento); “deve ser revista de forma a receber melhor os novos alunos” (52 por cento).

“Estes resultados apontam, até, para a existência de algum distanciamento crítico dos estudantes em relação à praxe”, defendeu o professor, que

sublinhou que apenas 15 por cento escolheram, de entre as oito frases, a que defendia que “a praxe deve manter-se tal como está”. Isto apesar de 28 por cento terem assinalado, como estando entre as três que merecem a sua concordância, a ideia de que “a praxe deve ser rigorosa-

mente aplicada de acordo com o Código da Praxe”.

Das respostas ao inquérito pode inferir-se, no entanto, que os universitários de Coimbra não defendem a abolição da praxe. Das restantes afirmações pelas quais os estudantes poderiam optar a que mereceu menos concordância foi precisamente a que defendia que “a praxe académica deve ser completamente abolida, pois é uma violência” (três por cento). Dezoito por cento dos inquiridos disseram concordar com a frase: “A praxe deve ser revista no sentido da não discriminação entre homens e mulheres” e oito por cento aprovaram a que aponta que esta prática devia ser “limitada aos cerimoniais académicos”. ■

Coordenador
de estudo sobre
culturas juvenis
admite que um erro
num quadro pode
ter dado origem
à interpretação
de que um terço dos
universitários de
Coimbra aceitam
a praxe violenta